

# OS DORES, DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES: UMA NARRATIVA INSULAR ENTRE O OSTRACISMO E A INTEGRAÇÃO

Mônica Simas

Henrique de Senna Fernandes é, sem dúvida, um escritor importante no âmbito das literaturas de língua portuguesa e tem sido considerado por muitos críticos o guardião das memórias de Macau, o que implica perceber a sua obra na rede de demarcações e preservação da identidade macaense. Este trabalho busca refletir sobre as relações entre o espaço e a construção de personagens, na obra *Os Dores* (2012), com especial destaque para a interseção que envolve a protagonista, Leontina das Dores, e a ilha de Coloane, em uma perspectiva que abrange tanto a literatura quanto a geografia humana e a etnografia. Parte-se da hipótese de que Leontina das Dores, na sua representação, agrega fatores marginais da construção da identidade macaense em uma simbiose material e simbólica das relações entre a ilha de Coloane e Macau. Além de uma breve introdução, o texto se desenvolve em quatro etapas que buscam: estabelecer noções históricas e geográficas da ilha de Coloane no processo de formação da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM); evidenciar as preocupações de Henrique de Senna Fernandes com a identidade macaense e a importância que os lugares ocupam na sua construção narrativa; analisar passagens significativas de *Os Dores* que entrecruzam a caracterização da protagonista, em seu processo de ostracismo e integração, e aspectos simbólicos da ilha de Coloane ligados a Macau; por fim, uma conclusão que retoma os pontos precedentes e discute como a ilha é uma questão importante para se pensar a RAEM e sua literatura. Entre as distintas teorias que sustentam a reflexão, serão utilizadas noções de experiência espacial, de Yi-Fu Tuan; de dinâmicas da etnicidade macaense, segundo João Pina Cabral, Nelson Lourenço e Ana Maria Amaro e da crítica literária de Macau, de acordo com José Carlos Seabra Pereira, David Brookshaw e a própria autora.

É bastante antiga a importância que geógrafos dão à literatura, talvez, tanto quanto as noções espaciais sejam importantes à construção narrativa. Oliveira e Marandola Jr. (2010) descrevem a aproximação desses dois campos do conhecimento, na época moderna, a partir do interesse descritivo das regiões, passando também pelo estudo mitológico e simbólico até o momento em

que estes fatores se cruzam nas análises das dinâmicas sociais e políticas. Segundo os autores, o interesse de geógrafos pela literatura teria se dado, em um primeiro momento, pelo que os romances mostravam de conhecimento material sobre os lugares, como complemento ou fonte de informações, mas, depois, teria se expandido para questões existenciais e metafísicas, como aquelas que permeiam o romance de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*.

O romance de Guimarães Rosa é a ficção mais real com que nos defrontamos nestes Brasis de sertões, de veredas, de rios caudalosos, de chapadas, de jagunços, de fábulas, de vilarejos empoeirados, de sertanejos fortes e amorais, multifacetados, mas irmanados pelas falas e pelas crenças.<sup>1</sup>

A partir de várias contribuições seminais, como as de Fernando Segismundo ou Benjamin Subercaseaux, a ampliação do olhar dos geógrafos pôde ultrapassar as noções descritivas, indo na direção das características humanas e buscando o sentido dos lugares ou os sentimentos de desterritorialização, além de símbolos e metáforas de natureza espacial. Por sua vez, a literatura, desde as epopeias clássicas construiu imaginários baseados em noções geográficas. Se, na modernidade, a exposição de sentimentos podia estar ligada à natureza, como no caso da literatura romântica, ou o comportamento humano à descrição do meio como importante fator social, no realismo; na contemporaneidade, os fenômenos e as noções geográficas parecem recair enfaticamente sobre as experiências que tratam das mobilidades humanas, das condições de exilância e de translocalidades. Se para se pensar sobre a condição urbana no mundo contemporâneo é necessário, como sublinharam Salgueiro e Santo, “colocar estes conceitos, fenômenos, experiências e geografias em correlação com outros que lhes são alternativos e/ou complementares, como sejam, por exemplo, campo, rural, região, globalização e cosmopolitismo”,<sup>2</sup> com as ilhas acontece o mesmo, pois as experiências atuais tendem a misturar antigas concepções duais, como a de paraíso e a de inferno que lhe foi sempre atribuída, rasurando fronteiras claramente definidas. A tessitura na qual a ilha de Coloane se inscreve, no romance analisado, parece ser o limiar entre o mundo estranho de fora e o estranho de dentro, compreendido na trama social e política da cidade de Macau, onde as exigências de modelos mais sustentáveis, hoje, convergem com o crescimento vertiginoso e, ainda, onde núcleos de partes da população que foram ostracizadas passam a reconfigurar a memória local.

---

<sup>1</sup> Oliveira e Marandola Jr. 2010, 126.

<sup>2</sup> Salgueiro e Santo 2018, 6.

## A ilha de Coloane no processo de definição das fronteiras da RAEM

Uma das coisas interessantes para se pensar sobre a região de Macau é que a própria península já foi uma ilha no delta das pérolas, ligada ao continente chinês pelo resultado da sedimentação milhares de anos atrás e que a sua territorialidade passou por várias “reclamações”,<sup>3</sup> no decorrer da história, ou seja, desterritorializou-se e reterritorializou-se, de acordo com os interesses geopolíticos. No entanto, existe uma constante que é o fato de Macau ter ocupado um espaço, tratado como periférico, tanto por *Beijing*, capital da República Popular da China quanto por Lisboa, capital de Portugal. Hoje, discute-se a integração da RAEM no Delta do Rio das Pérolas, então é fundamental entender o lugar que as ilhas ocupam nesse delta. *Henqin*, por exemplo, conhecida como a junção das antigas ilhas de Dom João e da Montanha, pertence, atualmente à Zhuhai, cidade que faz parte da província de Cantão, na República Popular da China. É adjacente à ilha de Taipa e à de Coloane, ligada a Cotai pela Ponte Flor de Lótus. Em 1938, estas duas ilhas foram ocupadas oficialmente pelos portugueses e já eram frequentadas e povoadas por missionários desde há muito tempo. Também a ilha da Lapa, que compõe a atual península de Wanzai, fora ocupada pelos portugueses até que, em 1941, o exército japonês ameaçou as tropas portuguesas que abandonaram o lugar. No decorrer desse processo, no final da Segunda Grande Guerra, a China conseguiu recuperá-las.

*Henqin* é hoje a maior das 146 ilhas de *Zuhai* e sua área é aproximadamente o triplo da área da RAEM. Segundo alguns especialistas, como Edmonds (2002), as duas grandes áreas, a RAEM e a zona de *Zuhai* passaram a competir pelo desenvolvimento comercial. Se, por um lado, a RAEM ficou com o aeroporto internacional, *Zuhai* poderá se tornar uma referência portuária mais importante. Existe uma discussão em curso sobre a necessidade da construção de um grande porto em Coloane, o que poderia alterar o cenário atual completamente. De um modo geral, nas últimas duas décadas, novos arranjos administrativos têm sido estabelecidos, fortalecendo a cooperação entre essas duas regiões e, como já havia afirmado o mesmo Edmonds (2002), provavelmente, depois de 2049, estes dois grandes centros urbanos serão ligados de um modo que não fará mais sentido se pensar na competição que existe hoje por “portos” ou outros lugares de conexão. Na verdade, ele prevê uma nova competição que será a da RAEM/*Zuhai* com *Hong Kong/Shenzhen*.

A questão de delimitação das fronteiras da região de Macau bem como a de influência no grande projeto do delta do rio das Pérolas são bastante sen-

---

<sup>3</sup> O termo “reclamation” em inglês pode referir o retorno de áreas conflituosas ao seu estado de formação ou a uma nova função.

síveis e não terão sido resolvidas até tempos bem recentes. Logo após o Tratado de Amizade e Comércio, firmado em 1887, em 1890 foi concluído um primeiro acordo com a China sobre a questão das terras neutras da península. Em 1901, os portugueses submeteram uma proposta de demarcação que incluía as ilhas vizinhas, mas o governo chinês se recusou a aceitar. Geoffrey C. Gunn (1998) mostra que, embora os portugueses exigissem a posse das ilhas de uma forma inequívoca, apontando a documentos que revelavam a presença portuguesa desde o século XVII, na Lapa; desde o século XIX, na Taipa e em Coloane, os chineses não reconheciam as suas intenções. A questão das fronteiras seria levantada inúmeras vezes e resolvida definitivamente somente após a Revolução dos Cravos, na sequência de acordos que definiram a Lei Básica da RAEM.

Coloane teve um destino bastante particular, portanto, porque de espaço marginal, quase fora das fronteiras da RAEM, pode torna-se, em um curto período de tempo, um espaço de protagonismo na integração do delta do rio das Pérolas. A ilha, que em cantonês é chamada de *Gwo Lou Wan*, algo como “passagem rodoviária do anel”, ou também *Gau Ou Saam*, “montanha de nove entradas”, depois transcrita para o português como *Ká-Hó*, ou ainda, *Yim Jou Waan*, “baía do forno do sal”, fica a 5,6 km da península de Macau e era a maior das duas ilhas que formavam com a península o conjunto da região. Corresponde atualmente à Freguesia de São Francisco Xavier e ocupa uma área de 7,6 km<sup>2</sup>. A sua incorporação à península foi tardia, tendo ocorrido definitivamente somente no início do século XX. Da dinastia Song até a dinastia Ming, quando os portugueses chegaram, Coloane era um entreposto de sal para a China e depois que os portugueses transformaram Macau em um posto de comércio importante, a ilha começou a ser base de piratas e de pequenas povoações, tornando-se mais visitada somente quando a Estrada do Istmo, que ligava Coloane à Taipa, fora finalizada em 1969. A vila de Coloane, à costa sudoeste foi o principal ponto de ocupação da ilha, tendo a capela de São Francisco Xavier, construída em 1928, como referência para a comunidade cristã enquanto os templos de *Kan Fa*, *Kun Iam* e *Tin Hau*, além de um cemitério taoísta serem as principais referências para as comunidades chinesas. No alto de Coloane, ponto mais alto de Macau a 170,6 metros, foi posta uma estátua de *A Ma* e realizada a construção de um complexo religioso turístico na sua base. No passado, Coloane era separada de Taipa pela baía de *Seac Pai*, mas depois foram unificadas pelo aterramento do mar, numa nova zona chamada Cotai, sendo este nome formado pelas primeiras sílabas do nome Coloane e Taipa. Hoje, apesar de estar conectada à ilha de Taipa por Cotai, ainda não experimentou um grande desenvolvimento e saturação como a península, com exceção da zona de *Seac Pai Van*, onde muitos prédios de habitação pública foram

construídos. A ilha tem um número considerável de trilhas, parques, correspondendo ao “pulmão verde” da região. Em Seac Pai Van também existe um parque, com vários pavilhões onde estão alojadas diferentes espécies de animais, de entre as quais se destacam os pandas.

Além de piratas, a ilha ficou conhecida por ter abrigado um leprosário, que hoje corresponde ao espaço que abrange o complexo denominado Vila de Nossa Senhora, em Ká Hó. Nas palavras do arquiteto Marco Canarelli:

Não é fácil conhecer a história por detrás deste local nem sequer chegar lá. [...] Há menos de uma década, a única ligação entre Ká Hó era a linha de autocarro 15, que só passava uma vez a cada 75 minutos. Actualmente a aldeia não está isolada, com o 15 a chegar da Taipa de meia em meia hora e o 21A a vir da península de Macau a cada 20 minutos. Ainda assim, é uma viagem que facilmente demora mais de uma hora. Por isso não admira que poucos se aventurem até Ka Hó, cujo sossego parece a milhares de quilômetros de distâncias das luzes dos casinos do Cotai. Conheço pessoas de Macau que nunca foram a Ká Hó, o que é inacreditável, uma vez que a região é pequena.<sup>4</sup>

Já no século XVI, o bispo Dom Belchior Carneiro tinha criado um hospício no bairro de São Lázaro, na península de Macau, para acolher os leprosos, mas, no final do século XIX foram expulsos dessa área para permitir a expansão da cidade, indo os homens para a ilha de São João e as mulheres para a ilha de Coloane. Como a zona de Pac Sá Lam teve que ser abandonada, depois de 1950, juntaram-se os leprosos em Ká Hó, em Coloane. A lepra era vista, na época como uma “repugnante enfermidade” e Arnaldo Acconi, refere em reportagem de Vítor Quintã que “os leprosos eram tratados como animais, estavam acorrentados”.<sup>5</sup> A situação teria mudado somente com a chegada do padre Nicosia que viveu junto com os leprosos e manteve a comunidade autônoma.

Coloane pode ser definida como um lugar de dupla fronteira, já que é fronteira da região de Macau, sendo que a própria península era percebida como espaço periférico da China e de Portugal. Como Breitung (2007) localiza, o espaço de fronteira pode ter um impacto grande sobre todo um país ou uma rede de conexões entre países. Dessa forma, se as pessoas que vivem nas fronteiras ou próximas a elas têm uma série de limitações também podem usufruir de oportunidades particulares. Os espaços que ultrapassam as fronteiras metropolitanas, por exemplo, podem se tornar chaves importantes tanto na dinâmica econômica como social. Alguns estudos de antropólogos que se detêm sobre aspectos geográficos e sociais das regiões de fronteira começaram a in-

---

<sup>4</sup> Quintã 2018, s/p.

<sup>5</sup> Quintã 2018, s/p.

introduzir conceitos como “comunidades de fronteira”<sup>6</sup> ou “pessoas de fronteira”.<sup>7</sup> Os conceitos tratam das pessoas e das comunidades que são afetadas no seu caráter e nos seus comportamentos pela forma como esses espaços funcionam. Não à toa, o início de *Os Dores* acontece em Coloane, no meio da “paisagem imóvel, escalavrada, pesadas rochas graníticas e vegetação maninha”<sup>8</sup> para tratar do abandono de uma criança em torno de uns cinco anos, que será encontrada e levada por um pai de família para viver na sociedade macaense da península, mas poderá ela ultrapassar esta condição *marginal* que é fixada na primeira cena do romance? Tal como em outras narrativas de Henrique de Senna Fernandes, em que a experiência do espaço atravessa o percurso das personagens, nesta obra, que ficou inacabada, a protagonista parece associar-se ao *topos marginal* relacionado à ilha, quase fora das fronteiras, ou melhor, nas fronteiras, habitada por piratas, leprosos e pequenos grupos de pescadores, gentes que têm que enfrentar uma série de obstáculos e preconceitos frente às chamadas famílias tradicionais que ocupavam a península de Macau. Por outro lado, Leontina das Dores é uma protagonista que passa por transformações e que, talvez, consiga transcender as suas limitações, redefinindo a sua trajetória na sociedade macaense.

Henrique de Senna Fernandes, a identidade macaense e os lugares de Macau

Henrique de Senna Fernandes é um escritor que mobiliza personagens, histórias e imagens que situam a cultura macaense no espaço de uma interlocução em meio multicultural onde as fronteiras, não só físicas e geográficas, já abordadas, mas também entre fato e ficção se cruzam permanentemente. Em um momento anterior,<sup>9</sup> foi feita uma análise mais detalhada acerca das características da obra do escritor e, por isso, recorda-se aqui apenas o essencial para que o romance *Os Dores* possa ser compreendido no conjunto mais alargado da sua ação literária. Começou a escrever cedo contos que foram publicados em *O Clarim*. Nos anos de 1950, período em que estudava em Coimbra, escreveu aquele que seria um dos contos mais emblemáticos das origens identitárias do macaense, “A tancareira”, inserido posteriormente no seu livro *Nan Van*, publicado em 1978. Esse conto, que chegou a ganhar um prêmio literário no meio estudantil daquela cidade, teria sido influenciado de certa forma, segundo o olhar atento de David Brookshaw

---

<sup>6</sup> Papademetriou e Meyers 2001, 10.

<sup>7</sup> Breitung 2007, 27.

<sup>8</sup> Senna Fernandes 2012, 15.

<sup>9</sup> Simas 2016.

pelo realismo social da época e, talvez, em resposta às incipientes manifestações literárias dos seus colegas africanos – ao fim e ao cabo, Agostinho Neto era estudante em Coimbra na mesma altura e a Casa dos Estudantes do Império em Lisboa organizava eventos em que se debatiam questões culturais –, é razoável concluir que Fernandes quisesse expressar a realidade social e regional da sua longínqua terra, tal qual como faziam os luso-africanos e até açorianos da época.<sup>10</sup>

Mais do que essa vontade de expressar a realidade social e regional de Macau ser razoável, como reflete David Brookshaw, ela é realmente expressa como todas as letras, em uma conferência que o escritor apresentou no Centro de Estudos Ultramarinos, em 1954, em Lisboa, já citada em Simas (2007) e recuperada pela sua importância:

A nossa literatura colonial, não sendo muito pródiga em assuntos macaenses, nunca ou só perfunctoriamente se refere a ele. Nos romances, vemos sempre de um lado o metropolitano, de outro o chinês. O macaense não aparece, como se alguma vez pudesse falar-se ou descrever-se Macau sem que ele entrasse em jogo. Mas mesmo assim, o romance não dá um quadro justo. O metropolitano surge eternamente um homem desiludido, roído de saudades que vai esquecer as suas mágoas de exilado nos braços da *pi-pachai*, a cantadeira de olhos oblíquos, de pele finíssima, meiga e resignada, que se entrega humilde à dor do europeu deslocado do seu meio. Creio que todo romance colonial enferma deste defeito. O colono saído da sua terra natal, tristonho, rasgando a gleba sob um sol escaldante, em plagas adustas, mordido de febres, tangendo o eterno bandolim da saudade. Como se no Ultramar ele não pudesse viver rijo e são, alegre e feliz, revendo na sua obra o seu esforço criador. Se é verdade que a saudade é uma constante do psiquismo português, nem por isso o colono deixa de contrapor a ela o amor à terra onde assentou arraiais, onde casou e fecundou mulher, onde os seus filhos nasceram, terra onde verteu o seu suor, a sua angústia, as suas incertezas, mas onde também colheu os louros da vitória, o rendimento compensador dos seus sacrifícios.<sup>11</sup>

Sem dúvida, em um tempo de prêmios à literatura colonial, numa sociedade impregnada de uma “Política do Espírito”, o escritor segue na contramão, como seus colegas africanos, e coloca no plano principal da ação narrativa os macaenses, pois estes ocupavam, geralmente, na literatura colonial, o plano secundário. Dessa forma, oferece aos seus leitores o compromisso de uma articulação concreta entre a construção textual e o mapeamento afetivo das relações comunitárias, que parte sempre de realidades vivas ou vividas, das tra-

---

<sup>10</sup> Brookshaw 2010, 23.

<sup>11</sup> Senna Fernandes 1954, 21-24.

dições e costumes próprios, também em níveis linguísticos e discursivos plurais e misturados. Nos contos publicados em *Nan Van, Mong Ha* ou nos romances *Amor e dedinhos de pé, A trança feiticeira*, além de *Os Dores* e *A noite desceu em dezembro*, publicados postumamente, a vida cultural macaense se constrói como espaço onde a mobilidade sociocultural das personagens evidenciam processos contraditórios das demarcações identitárias.

Pina Cabral e Lourenço indicam que a comunidade (étnica) macaense pode ser definida “como sendo constituída por um grupo de pessoas que partilham um conjunto de instituições e que trabalham em conjunto com vista à reprodução de um projeto étnico comum”.<sup>12</sup> Em meio a sua complexidade cultural, Henrique de Senna Fernandes trança os fios dessa etnografia, caracterizada pela plasticidade do seu campo de ação ao longo da história. A ação desse e de outros escritores comprometidos com o registro cultural macaense tem uma relevância ímpar se for observado, como o fez Ana Maria Amaro, que, no momento de afirmação da RAEM, a partir da década de 80 do século XX, assistiu-se a uma “progressiva clivagem entre europeus e portugueses da terra e a um progressivo isolamento dos naturais de Macau”,<sup>13</sup> indicando que os macaenses com a sua cultura própria seriam uma minoria em risco de desaparecimento frente as outras forças dominantes. Por isso, é cada vez mais importante se examinar as relações entre a literatura e essa cultura particular.

De toda a obra precedente de Henrique de Senna Fernandes, será, ainda, o conto “A-Chan” o que, de certa forma, mais se aproxima de *Os Dores*, tanto pela força de sobrevivência que as suas protagonistas transmitem quanto pela incidência de uma ligação íntima com o universo aquático, entre rios, mares e ilhas, que tanto caracteriza o sul da Ásia.

Se, por um lado, como refere Seabra Pereira, o conto “não esconde traços de imaturidade próprios das primícias literárias”,<sup>14</sup> por outro, motiva uma reflexão profunda sobre o espaço servil e discriminatório que as tancá ocupavam no sul da China. A personagem, vendida ainda menina pelos pais, acaba com a “Velha”, que guia o tancá no Porto Interior de Macau. Herda o tancá com a morte da ama e continua a sua labuta com a amiga A-Lin, até que, um dia, surge o marujo, chamado Manuel, com quem ela passa a viver. Apesar da aparência de um enredo “previsível”, o conto é muito tocante e, simbolicamente, articula-se uma das versões acerca das origens dos macaenses. Evidenciando o que Pina Cabral, na palestra “Os mares da China”, proferida no espaço Oikós, em Lisboa – 1997, chamou a esta origem de “dupla margem” com o forte es-

---

<sup>12</sup> Pina Cabral e Lourenço 1993, 19.

<sup>13</sup> Amaro 1988, 8.

<sup>14</sup> Seabra Pereira 2015, 202.



tigma de *humilhação* que recai sobre a população miscigenada e, sendo assim, pode-se perceber o conto em uma outra grandeza. A-Chan, no deslocamento do campo para a zona costeira, viabiliza uma condição de sobrevivência, mas dentro de valores de desprestígio contra os quais não poderia concorrer. Na mesma palestra, Pina Cabral explicou que a relação da China Imperial com as zonas costeiras não era positiva, porque, na estrutura social chinesa, os tancá eram considerados “desprezíveis”, já que estavam à margem das quatro classes sociais (letrados, agricultores, artesãos e comerciantes). A discriminação em relação às populações costeiras deve-se ao fato de a sociedade tradicional chinesa fixar um alto grau de importância ao valor da terra, valor de imobilidade, principalmente no que se refere à condição da mulher, dentro da organização familiar. As tancá rompiam esses valores na medida em que se constituíam como elementos móveis e que, por se situarem na periferia, poderiam atuar de modo mais livre, escapando do controle mais acirrado dos poderes políticos. A situação da mulher é particularmente diferenciada, primeiro porque elas são economicamente ativas e não mudavam o tamanho dos pés; segundo, porque tinham contato com estrangeiros e maior liberdade, inclusive, sexual. Assim, explica-se também porque A-Chan preferia o destino com a velha ao das casas aristocráticas da terra. Para Pina Cabral, as tancá são as periféricas de dentro enquanto os marinheiros portugueses eram vistos como periféricos de fora. A relação entre a tancareira e o marinheiro é emblemática desta constituição de dupla periferia.

No conto, A-Chan percebe que está grávida, enquanto Manuel recupera-se de uns tiros que quase o haviam matado na “longínqua” Coloane. Ao retornar ao rio descobre a filha e leva as duas para terra firme, mas, ao fim da guerra, recebe ordens de regresso imediato e, apesar de ressentir-se pela situação, chama um intérprete para explicar o seu plano à A-Chan, que aceita a inevitável proposta de entregar-lhe a filha para ser educada em Portugal. A menina que “era tão bonita e se parecia tanto com o marinheiro de olhos azuis” escapa de viver o tal *estigma de humilhação* na sociedade macaense para ser educada na “periferia de fora”, sem a mãe, evidenciando-se as dificuldades que enfrentaram os filhos das relações extramatrimoniais e a importância que o capital de portugalidade exerceu sobre aqueles que pertenciam a um contexto étnico mestiço ou que estavam ligados às margens das águas de Macau.

#### As dores do ostracismo e dos processos de integração

De certa forma, o romance *Os Dores* também narra uma condição marginal, só que ligada à ilha, já que a sua protagonista, Leontina das Dores é encontrada perto de uma cabana, na baía da ilha de Coloane. A ilha, apesar de aparecer descrita apenas na primeira cena, será uma referência constante na vida da

personagem, seja pelo simbolismo de isolamento e ostracismo a que foi relegada, seja como experiência com o meio aquático, ou ainda, a origem que se quer esconder, tornando-a invisível. Do seu desenvolvimento até a maturidade, no contexto da primeira metade do século XX, Leontina das Dores vai alargando a sua experiência espacial, o que coincide com habilidades que podem favorecer a sua autonomia. Para Seabra Pereira

sem quebra da visão realista das vicissitudes da vida difícil da protagonista [...] o grande vetor temático é a resiliência humana, isto é, da capacidade de reconquista da dignidade pessoal e de reatualização das potencialidades próprias, até aí degradadas ou reprimidas – processo de recuperação física e sobretudo anímica, com melhoria meritória das condições de vida e da situação social, que passa, pela ‘capacidade inexaurível para o riso e para alegria’ própria da juventude, mas a tal não se restringe pois consiste numa transformação palingenésica do indivíduo.<sup>15</sup>

Se, por um lado, a narrativa se desenvolve no sentido de uma resiliência, por outro, considera-se que a noção de transformação palingenésica só está plenamente evidenciada nos dois romances que antecedem *Os Dores, Amor e dedinhos de pé* e *A trança feiticeira*, pois, a inconclusão da narrativa, com final em aberto, sugere, entre várias possibilidades, uma continuidade desastrosa para a sua protagonista, inclusive, com muitos sinais de que, provavelmente, abandonará o próprio filho com o pai. Será que ela conseguirá ter parâmetros para se construir como sujeito fora do domínio dos Policarpus? Independente dos possíveis desfechos da narrativa, a resiliência da protagonista incide sobre terrenos incertos e bastante dolorosos, com o fundo daquela insular origem abandonada sempre vivo e cheio de consequências, sendo uma delas a ciência de que “não conseguia esconder que era uma mãe má, brusca, impaciente com o seu rebento que tanta vez batia, não se importando com a sua pequenez”.<sup>16</sup> O romance é interrompido, numa espécie de repetição de ciclo, onde a hesitação com relação a um novo abandono está posta em cena. Cria-se uma suspensão em que o tempo futuro parece apontar mais ao incerto destino da criança do que ao da própria sua mãe, afinal, o título do livro é *Os Dores*, no plural, mas também é possível que se refira a uma nova Leontina das Dores que reapareceria ainda transfigurada. O texto interrompe-se com ela, na janela, aturdida ao perceber que Floriano Policarpo, “trajado integralmente de preto, típica silhueta de luto, caminha pela rua. Apesar do impulso

---

<sup>15</sup> Seabra Pereira 2015, 223.

<sup>16</sup> Senna Fernandes 2012, 284.

de esconder-se, Leontina das Dores permanece na janela; este passa, hesita e faz uma saudação”.<sup>17</sup>

Se a narrativa mostra que Leontina das Dores ganha espaço a cada lance, este processo é sempre acompanhado de perdas, algumas pequenas, mas outras bastante traumáticas. Essa leitura busca mostrar justamente as marcas de violência da narrativa que fazem de Leontina das Dores, provavelmente, a personagem mais complexa da obra de Senna Fernandes, já que o mundo interior da personagem é desenvolvido de forma consistente pela narrativa indireta. O romance é dividido em 4 partes, mas é nítido que a última está apenas no início. Como em outros romances do autor, este é dividido pelas personagens – Leontina das Dores, Floriano Policarpo, José Lucas Perene, Leontina das Dores, o que já revela que a trama passa por um trio amoroso onde as principais relações são as de Leontina das Dores com Floriano Policarpo e José Lucas Perene.

O percurso de Leontina das Dores é marcado por contradições advindas dos sofrimentos por que passa, físicos, econômicos, mas principalmente, emocionais, sendo que todos eles a revelam uma violência estrutural, característica dos espaços periféricos moldados em sociedades patriarcais e coloniais. Mesmo que Macau não seja uma colônia *stricto sensu*, ou seja, que os portugueses nunca tenham tido a soberania da terra, a sua administração foi pautada, principalmente, de meados do século XIX até meados do século XX, pelo modelo colonial e pelas leis do Ato Colonial. O direito de cidadania, por exemplo, não era decorrência da naturalidade, mas da origem e/ou paternidade e, portanto, havia uma diferença legal e substancial entre um “europeu” e um “indígena”. Em Macau, como bem mostram Pina Cabral e Nelson Lourenço, nos limites da organização administrativa colonial, os cargos fundamentais sempre foram ocupados pelos que vinham de Portugal e pelos que tinham direito à cidadania que, por causa da sua origem e/ou paternidade “naturalmente” ocupavam as posições intermediárias da administração. Os autores apontam para o Decreto n. 31: 107, de 18 de janeiro de 1941 que discriminava contra mulheres cujos pais não fossem “europeus”, contra divorciadas (art. 4º.) e contra viúvas ou mães solteiras com filhos menores (art. 5º.). “A administração colonial exigia que os oficiais se casassem com uma “portuguesa” originária, nunca tendo perdido a nacionalidade, filha de pais europeus, não divorciada”.<sup>18</sup> Nesse contexto, as estratégias matrimoniais estavam estreitamente ligadas aos vetores que formavam o projeto étnico macaense ligado ao capital de portugalidade, a fim de buscar a formação de um destino comum com algum privi-

---

<sup>17</sup> Senna Fernandes 2012, 294.

<sup>18</sup> Cabral e Lourenço 1993, 77.

légio dentro dos serviços da administração local. No entanto, as relações humanas estão sempre a superar os limites impostos por modelos coercitivos que tendem a restringir o espaço, na forma de ligações pessoais, ainda mais em contextos multiculturais. Seria muito difícil compreender, em uma dimensão mais alargada, as vicissitudes por que passa a protagonista de *Os Dores*, com as suas contradições e ambivalências, sem que esta estrutura subjacente seja sublinhada, pois permeia todas as estratégias de matrimônio e de organização familiar, oficiais ou às margens delas e estarão presentes na ficção.

A obra de Henrique de Senna Fernandes está pautada pelo realismo social, como já foi observado, resgatando a memória do “jeito de viver” de Macau, através de cenas e de comentários do narrador que instrumentalizam o leitor na compreensão desse espaço. Dessa forma, as seguintes cenas foram selecionadas.

Depois de ser recolhida da ilha de Coloane, com aquela “mata luxuriante de árvores e arbustos, para além do areal”,<sup>19</sup> pelo fato de ser caucasiana e estar “tão andrajosa e remelosa”,<sup>20</sup> a menina torna-se, na casa dos Policarpos, uma “crioula”, equiparada a uma “*mui-tcha*”, termos que o narrador faz questão de explicar:

Era usual nas famílias macaenses recolherem-se crianças abandonadas ou enjeitadas, normalmente de etnia chinesa que eram alimentadas e educadas no lar adoptivo, senão como filhas, pelo menos sempre acima do nível das criadas. A quem se dava educação, em troca de ajudarem nas lides domésticas. Eram as “biches” ou “crioulas”, vinculadas moralmente à casa, como parentes pobres. A aquisição de *mui-tchais* ou escravas de tenra idade começava a cair cada vez mais em desuso na época, na comunidade macaense.<sup>21</sup>

Ana Maria Amaro refere que, desde o início da ocupação portuguesa, em viagens de comércio, pelas rotas do império português, era frequente o transporte de escravos de ambos os sexos, mas que os abusos foram tantos que, em 1607, houve uma proibição dessa prática. “Esta proibição foi apregoada por todas as praças da Ásia, inclusive, em Macau, mas a verdade é que o comércio das japões, das *mui chais*, depois, das timoras [...] continuou até a abolição da escravatura”.<sup>22</sup> A narrativa começa nos inícios do século XX, um pouco antes da I Guerra e, portanto, percebe-se que, na prática, este hábito não terminou no século XIX. O narrador ainda completa: “Uma ‘crioula-branca’, no entanto, era

---

<sup>19</sup> Senna Fernandes 2012, 15.

<sup>20</sup> Senna Fernandes 2012, 15.

<sup>21</sup> Senna Fernandes 2012, 27.

<sup>22</sup> Amaro 1988, 9.

uma coisa muito rara”.<sup>23</sup> Por uma questão de economia, não será possível desenvolver a conexão desta característica de Leontina com o enorme sucesso que a telenovela *A escrava Isaura* teve na China, versão do romance homônimo de 1875, de Bernardo Guimarães, apenas apontar para semelhanças entre temas relativos a questões etnoraciais nas rotas de ocupação portuguesa ou do colonialismo português. A questão da branquitude, nesse romance, será fundamental, porque primeiro, percebe-se uma total indiferença de Remígio com relação “a petizada chinesa” que acompanhava a “menina caucasiana” e, depois, nas possibilidades de sucesso dessa menina branca frente às demais, justamente pela sua aparência. Por fim, apesar de ter uns mínimos privilégios na casa, como poder “comer na cozinha numa mesinha à parte”, sobre ela recaem as iras tanto da esposa e das filhas de Remígio quanto dos outros empregados da casa, levando-a a uma condição de ostracismo absoluto.

Mal vestida e calçada apenas de chinelas, embora já aparecesse, Leontina das Dores apresentava-se desfavorecida, uma criatura em que os convivas ou os amigos da casa mal reparavam ou fingiam não reparar. Era como uma peça de mobília que tinha a faculdade de se mover, silenciosa e serviçal, toda ela transparente porque ninguém a via. Dela sabiam vagamente que fora recolhida dum cabana perdida em Coloane, na altura ilha dos piratas. E mais nada, porque também era insignificante demais para interessar alguém.<sup>24</sup>

A etimologia da palavra ostracismo ensina que esta é o precedente histórico do que hoje se conhece como exílio político porque provém do grego *ostrakismós* que, por sua vez, vem de *óstrakon* que faz referência a um modelo de argila que tem a aparência de uma concha. O termo era usado entre os atenienses para referir às pessoas que sofriam de exílio por razões políticas, já que, inicialmente o nome dos exilados era anotado em uma peça de cerâmica. Em um sentido estrito, não se tratava de uma punição, mas sim de uma precaução, pois desta maneira o cidadão afetado era afastado do poder. Uma vez tomada a decisão, o exilado tinha um prazo de dez dias para despedir-se e preparar o seu exílio e podia residir onde quisesse, mas em nenhum caso dentro dos domínios territoriais de Atenas. O regresso dos exilados era uma exceção que também dependeria de uma alteração nas condições políticas. A condição de Leontina das Dores reflete este lugar afastado do poder, já que não tem direitos de cidadania. E tal, como em Atenas, na casa dos Policarpos, a sua situação não é percebida como punição, mas como “prevenção” ligada a uma naturalização do espaço de servidão que ela poderia ou deveria ocupar na casa.

---

<sup>23</sup> Senna Fernandes 2012, 27.

<sup>24</sup> Senna Fernandes 2012, 45.

Da ilha para a casa dos Policarpus, com exceção do afeto de Floriano, filho mais velho que acompanhava o pai quando a encontraram, em um primeiro momento, só sente infelicidade e solidão, presa aos insultos e aos maus tratos que sofria. Ora, Yi-Fu Tuan mostra que a experiência espacial implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência e que experienciar é vencer perigos, mas que isso só pode acontecer quando “há lugar para se mover”.<sup>25</sup> As crianças, no geral, têm uma enorme capacidade de adaptação e de construção de noções espaciais, mas, inicialmente todo esse processo se liga à mãe, que, no caso de Leontina é um espaço em branco.

Se definirmos lugar de maneira ampla como um centro de valor, de alimento e apoio, então a mãe é o primeiro lugar da criança. A mãe pode bem ser o primeiro objeto duradouro e independente no mundo infantil de impressões fugazes. Mais tarde ela é reconhecida pela criança como o seu abrigo essencial e fonte segura de bem-estar físico e psicológico [...] Um mundo estranho infunde pouco medo à criança pequena sempre que a mãe esteja perto, porque ela é seu ambiente de refúgio familiar.<sup>26</sup>

O vazio materno, essa simbólica ilha original, também espaço material de onde foi encontrada, transporta aquele valor de “fora da cidade”, ou de forma mais clara, a parte de quaisquer direitos de cidadã. O desenvolvimento de Leontina é muito precário, pelo menos, até aparecer Crescência, prima de Gláfira, esposa de Remígio, que se revolta com a indiferença dos Policarpus e lhe ensina noções básicas de caligrafia, aritmética, ciências da natureza, geografia, história além do português e de lhe ensinar a ler. A educação da menina é acompanhada pela sua mobilidade na cidade, pois Leontina nunca havia saído à rua uma vez sequer. É Crescência quem a vai levar até a igreja, conduzindo-a na sua primeira experiência pela *urbs*.

A rua era um mundo interdito, proibido, qualquer coisa de muito amedrontador [...]

Nunca ousara, no entanto, pisar a pedra granítica da entrada, muito menos aventurar uns passos fora.

[...]

Assim, saiu Leontina pela primeira vez da casa. Entrou em pânico, as pernas tornaram-se pesadas nos primeiros passos. A calçada aberta estendendo-se para cima e para baixo, as caras desconhecidas que a fitavam casualmente, o casario aglomerado provocaram-lhe terror. Era patético. D. Cres-

---

<sup>25</sup> Tuan 1983, 13.

<sup>26</sup> Tuan 1983, 32.

cência, para a sossegar, segurou-lhe a mão. Serenou quando concluiu que não lhe iam fazer mal.<sup>27</sup>

Para Yi-Fu Tuan a curiosidade pelos lugares faz parte de uma curiosidade geral sobre as coisas e surge da necessidade de qualificar as experiências; sendo assim, as crianças podem adquirir um maior grau de permanência e também de ajustes a algum esquema conceitual, até compreender um mapa, por exemplo. No caso de Leontina, a apreensão da paisagem de Macau só vai ocorrer bem mais tarde, quando num passeio como uma amiga, depois de ir trabalhar para Julia Matos, conquistando a sua autonomia financeira, percebe a paisagem com a vista da Praia Grande.

Aquela zona era novidade para Leontina e queria ver o mar que não conhecia, a não ser uma leve lembrança, apenas pincelada, quando fora recolhida em Coloane e levada para a casa de Sto. Agostinho.

A Baía da Praia Grande recobria-se de oiro do sol que declinava atrás da Ilha da Lapa. A água da enchente reverberava em cintilações resplandecentes, murmurava em solilóquios junto da muralha de granito, mas ao longe batia forte nas pedras extremas do fortim de 1º. de Dezembro. Juncos preguiçosos nos ancoradouros recolhiam as velas. Lorchas e sampanas balançavam ao sabor da maré. Tancares diminutos, em labor incessante de vai-vém, riscavam em tiras de espuma o manto esverdeado da água dos princípios de Setembro. No cais de pedra, em plano inclinado, desembarcava-se o pescado do dia, em cestas de vime.

A contemplação da paisagem larga arrebatou Leontina. Toda a orla do casario da Praia Grande, em curva graciosa, duma ponta à outra, desde o Grémio Militar à arruinada Fortaleza do Bom Parto resplendia, ornada de árvores frondosas.<sup>28</sup>

Nesta cena, percebe-se a amplidão das relações entre conhecimento e espaço na experiência de Leontina, pois a leve recordação da infância junta-se ao perfil de cidade, na qual ela passa a ser partícipe, mesmo que numa posição social inferior. Ela consegue integrar, de certa forma, aquela beira de praia da sua infância a todos os caminhos percorridos pela cidade. O momento que traz a leve recordação da infância na ilha também prepara a próxima cena que é o reencontro com Floriano Policarpo, mas sobre isto se vai falar depois.

A possibilidade de mover-se está diretamente ligada aos processos de aprendizagem conceitual e é D. Crescência e as madres canossianas que, com as suas empatias, permitirão a Leontina adquirir outra postura e adaptação, podendo vislumbrar a tal liberdade de que fala Yi-fu Tuan, uma “capacidade

---

<sup>27</sup> Senna Fernandes 2012, 39.

<sup>28</sup> Senna Fernandes 2012, 82-83.

para transcender a condição presente”.<sup>29</sup> Por isso, quando D. Crescência deixa a casa, é todo um mundo que se desfaz – “em volta dela estabelecia-se um vácuo cultural”.<sup>30</sup> Mas Leontina é resistente. Logo depois, viveria mais um trauma, sendo culpabilizada pelas “brincadeiras” sexuais abusivas de Marco-lino; primeiro, naquele “ostracismo absoluto”,<sup>31</sup> depois enviada ao convento das Canossianas, numa espécie de segundo abandono.

É o Convento das Canossianas. Viverás aqui até seres crescida [...] Dizia tudo aquilo, sem a encarar. Não podia suportar aquele rosto patético e muito pálido, onde uma muda acusação e um apelo se misturavam. Encontra-a abandonada e sozinha numa praia obscura e agora abandonava-a, também sozinha, a desatar-se duma responsabilidade, apenas para ter paz no seu lar e livrar um filho endiabrado de tentações pecaminosas.<sup>32</sup>

Tanto D. Gláfira quanto as suas filhas enfernizavam Leontina, dizendo que se ela não fizesse as vontades delas iria parar no convento das Canossianas, de forma, que, para a menina, esse parecia ser um destino muito terrível. No entanto, ao contrário, iria lhe permitir passos fundamentais à construção de sua autonomia. Yi-Fu Tuan mostra que o mundo parece espaçoso e amistoso quando pode se conciliar com os desejos próprios, e limitado quando eles são frustrados. A frustração difere em intensidade e o que acontece com Leontina das Dores é que, a situação de “bicha” na casa dos Policarpos comparada à de bambina nas Canossianas era muito pior.

Leontina, anos depois, nunca negou que fora feliz na Casa de Beneficência. Continuava uma reclusa num recinto fechado, mas não se sentia prisioneira. O tratamento rigoroso e vigilante do convento era suportável. Não havia desdém, humilhação, berros constantes e sevícias – um tabefe aqui, uma chibatada acolá e muitas caroladas. Não havia mofa e maus modos da criadagem para uma bicha-branca. Não tinha que abanar ninguém horas a fio, levar o pequeno-almoço para princesas ou um simples copo de água, subindo e descendo escadas, pentear cabeças impertinentes que implicavam por isto ou por aquilo.<sup>33</sup>

Além disso, no convento consegue fazer amizades, deixa de ser completamente isolada. Entendendo também como Yi-Fu Tuan explica que os princípios da organização espacial encontram-se tanto na postura e estrutura quanto nas relações pessoais, as novas amizades são fundamentais. É por in-

---

<sup>29</sup> Tuan 1983, 59.

<sup>30</sup> Senna Fernandes 2012, 44.

<sup>31</sup> Senna Fernandes 2012, 53.

<sup>32</sup> Senna Fernandes 2012, 58.

<sup>33</sup> Senna Fernandes 2012, 61.



termédio de uma amiga, a Eunice, que depois de sair do convento chega ao atelier de Júlia Matoso, que também fora uma bambina, sentindo-se no dever de ser solidária com as meninas do convento. Mesmo esse passo teve que passar, ainda, pela intermediação de Remígio que, finalmente, faz um gesto a favor de Leontina, depois de ser chamado ao seu dever de padrinho por Crescência.

Leontina das Dores começa a ser cidadã, com trabalho, independência, mas com uma questão pendente com relação aos Policarpus, que é o seu amor por Floriano. No romance, não é só a mulher que atravessa obstáculos em atitude de resiliência, as personagens masculinas também. Seabra Pereira, em relação a José Lucas Perene, observa que:

quer quando, casado forçadamente com Evandolina Carmo, espantosamente 'era sincero na intenção de modificar-se ao' arrepio da sua idiossincrasia lúdico-hedonista até ao estigma ostracizante que *pro tempore* implicaria o divórcio ou mesmo a separação, quer quando, depois da separação, consciencializa que "Pagara caro a mentira e a fraqueza" até escapar "a um inferno sem remédio", assume que com todas as dificuldades, vivia senhor de si mesmo, sem uma horrível canga a refreá-lo e se dispõe a refazer-se, agarrado à sua visceral alegria de viver.<sup>34</sup>

Além de superar os horrores do casamento, José Lucas Perene vem de uma família em que o pai comete inúmeros abusos e castigos, o que o torna avesso quase que incondicionalmente à ideia de casamento e de filhos. A sua liberdade, que é mover-se entre as baías, a beira rio, os mares e as ilhas, acompanhada de uma boa conversa, acaba indo ao encontro do mundo sensorial de Leontina das Dores. E em um passeio à praia, surge uma "intimidade nascente"<sup>35</sup> justamente a partir da recordação do dia do seu resgate. A liberdade com que Leontina brinca na praia esbarra na cumplicidade do hedonismo de José Lucas Perene. "Nunca mais lhe poderia ser indiferente. Conhecia o segredo da sua origem. Examinava-o agora com incisão, com outros olhos de ver".<sup>36</sup>

O que queria era pisar a praia e molhar os pés na babugem da água, gozar dessa sensação que, pela primeira vez lhe era oferecida. Por acanhamento, não confessava isso mesmo, porque era recordar o seu passado tão diferente dos comparsas do passeio.

Recuou e fitou outra vez o areal, enterrando os pés já descalços na areia fina e tépida que até convidava a rebolar-se nela. Andou de cá pra lá, dobrando-

---

<sup>34</sup> Seabra Pereira 2015, 223.

<sup>35</sup> Senna Fernandes 2012, 155.

<sup>36</sup> Senna Fernandes 2012, 159.

se para apanhar conchas que, se não eram bonitas, pelo menos satisfaziam a sua curiosidade insaciável [...] Por trás, algures, estava Hong Kong, a fabulosa cidade de que tanto Júlia falava e para a qual queria levá-la.<sup>37</sup>

A cena mostra o prazer de Leontina das Dores, cruzando referenciais da natureza à sensualidade. *Os Dores* é o romance de Henrique de Senna Fernandes em que as cenas de sexo estão mais detalhadamente descritas e a complacência de Leontina das Dores e José Lucas Perene também favorece, num primeiro momento, o desejo do casal. No entanto, os ciúmes e a incerteza da paternidade além da sua própria história traumática tornam José Lucas também um agressor até que, em uma noite de chuva, percebe o seu filho e passa a buscar uma vida nova (de novo) com Leontina das Dores, mas esta já está muito distante.

Se José Lucas Perene é o cúmplice do mundo das águas, em processo de resiliência, Floriano está ligado ao mundo da terra, dos desejos das famílias tradicionais de Macau. Ao abrir mão dos seus sonhos e ceder à hipocrisia familiar nos jogos de ascensão social, sente-se completamente frustrado. Desejava estudar Direito em Coimbra, mas teve o caminho interrompido, ficando preso a um noivado e casamento para facilitar a vida dos pais. Apesar de sentir-se envergonhado e oprimido, não apresenta forças para romper com as determinações familiares e nem se sabe porque terá largado Leontina das Dores depois da noite que passam juntos, sem nunca lhe procurar. É um enigma que certamente seria desdobrado nas páginas seguintes do romance. Mesmo assim, naquilo que se conhece de Floriano, é um homem gentil, bem educado, cômico das suas fraquezas e das terríveis estratégias familiares que os pais o sujeitam para se infiltrarem no mundo “aristocrático”, aquele mundo que A-Chan, do conto já abordado, evitou, preferindo ser tancareira.

A hipocrisia social é tratada com enorme ironia, sendo o ápice, praticamente o de uma ironia trágica, já que é o momento em que, para fazer parte do rol de amigos de Emília Madruga, D. Gláfira acaba por aceitar fazer uma visita ao leprosário de Coloane, a ilha de onde vem Leontina.

[d]e repente, D. Gláfira viu a sua vida facilitada. D. Emília dirigiu-lhe a palavra, incumbiu-a duma tarefa que era averiguar as carências duma família pobre da paróquia. Cumpriu-a tão bem que agradou à grande dama. Depois, foi a visita às leprosas no ermo de Ká Hó, Coloane, por intermináveis caminhos de cabra, num desconforto de todo o tamanho. D. Gláfira fez das tripas coração, venceu o receio da contaminação e o nojo, esteve à altura de D. Emília, toda empenhada em perfazer a sua missão anual. [...]

---

<sup>37</sup> Senna Fernandes 2012, 154-55.

D Emília chamou-a à sua confiança, gratificou-a com a admissão ao seu círculo mais fechado e as relações tornaram-se amistosas.<sup>58</sup>

Com essa cena, encerram-se as passagens destacadas para mostrar a relação das personagens e de seus caminhos através da experiência espacial ligada à ilha de Coloane porque, na ironia trágica de Henrique de Senna Fernandes, revela-se uma incrível verdade das estruturas de discriminação. É que até mesmo para se galgar postos socialmente superiores, é preciso percorrer espaços nada sublimes beira mar ou beira rio, fronteiraços, desiguais; somente para assegurar que aqueles que habitam esses espaços não se intrometam no “aristocrático” mundo da terra peninsular.

#### Algumas palavras para finalizar

A continuação da narrativa de *Os Dores* está longe de se resumir a com quem a personagem vai escolher para viver o resto dos seus anos, mas, sim, se no seu processo de autonomia e de construção como sujeito, Leontina das Dores conseguirá reconfigurar o seu passado, reterritorializando o lugar simbólico da ilha na sua vida. Livrar-se dos parâmetros sociais de sucesso peninsulares que replicam o desejo de poder, geralmente, constituído através da subordinação dos outros ou da expulsão dos elementos que lhes são antagônicos seria imperativo numa real transformação. Por sua vez, talvez, os pontos cruciais de um romance não sejam o início ou o fim, a entrada ou a saída, mas o meio, em um sentido amplo, onde a vontade de libertar-se é manifesta a cada página e as habilidades espaciais juntam-se às emocionais. Mostrar as relações espaciais simultâneas aos vários personagens é mais difícil do que simplesmente narrar eventos e Henrique de Senna Fernandes consegue integrar Macau na literatura através de um processo progressivo. Parece que, nesta narrativa, à ilha de Coloane e ao seu entorno aquático cabem um lugar de eficiência nas dificuldades sociais peninsulares, porque permitem que alguns se tornem bons navegadores através de um esforço consciente. “Nem todos se tornam bons navegadores nas ilhas da Sociedade [...] mas têm sensibilidade para saber como está indo a embarcação com as mudanças das correntes e com o tempo”, afirma Yi-Fu Tuan.<sup>59</sup> Outros continuarão hipocritamente querendo vê-las à distância, sem nenhuma intimidade interpessoal. A Região Administrativa Especial de Macau com suas ilhas não é uma extensão sem marcas. É preciso transformar as suas ilhas remotas em espaços familiares porque só assim será possível transformar aqueles espaços de segregação em terrenos seguros de convívios mais duradouros. Encontrar um referencial familiar no labirinto

---

<sup>58</sup> Senna Fernandes 2012, 93.

<sup>59</sup> Tuan 1983, 92.

*Os Dores, de Henrique de Senna Fernandes*

pode sugerir que se está no caminho certo, mesmo que ele não esteja ainda traçado. Sendo assim, a vida e a cultura macaenses continuarão a seguir, nos romances de Henrique de Senna Fernandes.

## Bibliografia

- Amaro, Ana Maria. 1988. *Filhos da Terra*. Macau, Instituto Cultural de Macau.
- — —. 1997. *Macau: o final dum ciclo de esperança*. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa/Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- — —. 1998. *Das cabanas de palha às torres de betão. Assim cresceu Macau*. Lisboa (Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), Livros do Oriente.
- Breitung, Werner. 2007. *Overcoming Borders, Living with Borders. Macao and the Integration with China*. Macau, Instituto Cultural do Governo da RAEM.
- Brookshaw, David. 2010. “A escrita em Macau: uma literatura de circunstâncias ou as circunstâncias de uma literatura”. Em *Macau na escrita, escritas de Macau*. Ana Paula Laborinho e Marta Pacheco Pinto, orgs. Vila Nova de Famalicão, Húmus. 19-29.
- Cabral, João de Pina e Nelson Lourenço. 1993. *Em terra de tufões: dinâmicas da etnicidade macaense*. Macau, Instituto Cultural de Macau.
- Edmonds, Richard Louis e Chloé Froissart. 2002. “Macau dans et par-delà le delta de la rivière des Perles”. *Perspectives chinoises* 73: 20-31.
- Gunn, Geoffrey C. 1998. *Ao Encontro de Macau. Uma Cidade-Estado portuguesa na periferia da China, 1557-1999*. Macau, Hung Heng.
- Martinez, Oscar J. 1994. *Border People: Life and Society in the U. S.-Mexico Borderlands*. Tuscon, University Arizona Press.
- Oliveira, Lúcia e Eduardo Marandola Jr. 2010. “Caminhos Geográficos para a Literatura”. Em *Literatura e paisagem: perspectivas em diálogo*. Ida Ferreira Alves, Marcia Manir e Miguel Feitosa, orgs. Niterói, Editora UFF.
- Papademetriou, Demetrios G. e Deborah Waller Meyers. 2001. *Caught in the Middle: Border Communities in an Era of Globalization*. Washington DC, Carnegie Endowment for International Peace.
- Quintã, Vítor. 2018. “Nova vida para a Vila de Nossa Senhora em Ká Hó”. *Revista Macau* 65, 6 de Dezembro.  
<https://www.revistamacau.com/2018/12/06/nova-vida-para-a-vila-de-nossa-senhora-em-ka-ho/>
- Salgueiro, Ana e Duarte Santo. 2018. “Overture\_Pre.lú.di.o (Trans)localidade e culturas urbanas”. *Translocal. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* 1: 6-13.
- Seabra Pereira, José Carlos. 2015. *O Delta literário de Macau*. Macau, Macao Polytechnic Institute.

- Senna Fernandes, Henrique. 1954. *Macau, a desconhecida. Monografia*. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa.
- — —. 1998. “A-Chan”. Em *Nan Van: contos de Macau*. Macau, Instituto Cultural de Macau.
- — —. 2012. *Os Dores*. Macau, Instituto Cultural do Governo da RAEM.
- Simas, Mônica. 2007. *Margens do Destino. Macau e a literatura em língua portuguesa*. São Caetano do Sul, Yendis Editora.
- Simas, Mônica e Maria da Graça Marques. 2016. *Contributos para o Estudo da Literatura de Macau: trinta autores de língua portuguesa*. Macau, Instituto Cultural do Governo da RAEM.
- Tuan, Yi-Fu. 1983. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Livia de Oliveira, tr. São Paulo, DIFEL.